**DENOMINAÇÃO DE RUAS**

Dr. Miguel de Barros Penteado, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão do dia 13 de Janeiro deste anno, e de accordo com o art. 7.º da lei n.º 87, de 1922, as vias publicas : — *Ponte Preta, Castelli, Monjolinho, São Miguel, Nova Roma, Nova Hespanha, Jayme Badia, Bahia, rua n.º 1, avenida Germania e avenida Campinas*, todas de denominações populares, ficam de hoje em diante denominadas, respectivamente : — *Rua da Abolição, Rua Victoriano dos Anjos, Rua Carolina Florence, Rua Maria Monteiro, Rua Olavo Bilac, Rua Santos Dumont, Rua Bandeirantes, Rua Barão de Ataliba, Rua Maximiano de Camargo, Avenida Rangel Pestana e Avenida Bueno de Miranda.*

E para conhecimento de todos, mandei baixar o presente edital. Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 30 de Maio de 1923.

*Dr. Miguel de Barros Penteado.*

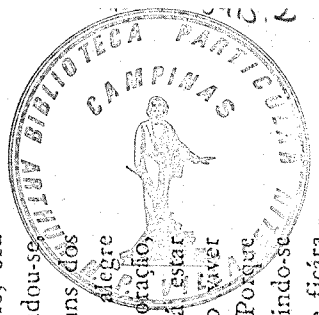
(Extraído da página 85 do livro "Leis, Resoluções e Mais Actos da Câmara Municipal de Campinas no ano de 1923)

Tenho sempre presente na minha imaginação flagelada pela nostalgia jornalística, a maneira por que era feita aquela nossa fôlha de combate. Quando saíamos dali, convencidos de termos dado mais um empurrão nas instituições monárquicas, com aquêlê mesmo ardor revolucionário que tanto distinguia na velha França os convivas de Mme. Roland, íamos jogar a bola no famoso armazém do Elói (ficava na atual rua Barão de Jaguará, esquina de Benjamin Constant, em frente ao prédio da Sul Americana, onde ainda se levanta outra casa de comércio congênere), espécie de sucursal do escritório, onde se davam *rendez-vous* todos os que compunham a flor da sociedade campinense. Ai, então, além dos já mencionados, encontravam-se em beatífica atitude todos os que formavam a terrível falange do "Clube Republicano", de gloriosa memória! Nos intervalos do inocente jôgo fazia-se política, planejava-se uma República sem impostos feita com luvas de pelica e imaginavam-se todos no país cristalino das bem-aventuranças. Era uma delícia, para não se dizer uma comédia, como tudo é neste baixo mundo, mas em todo o caso alta comédia de salão, em que todos representavam um papel mais ou menos importante, muito à sério, porém... à golpes de gargalhadas! Sucede agora que quando vou à Campinas (Carlos Ferreira por esse tempo — 1900, já morava em Amparo); entro a procurar tudo isto e não acho e só vou topando com recordações históricas num ou noutro vulto legendário, como o meu caro Bento Quirino e alguns outros, porém poucos, Leopoldo Amaral, o Antônio Lapa, o Gabriel, etc., ara só falar dos velhos e dos que vão envelhecendo... Quirino arrojou-se às regiões serenas; o Campos Sales, pelo contrário, abou-se às regiões tormentosas e em vez de simples "Marquês", como eu o imaginava às vezes em méro gracejo, saiu-se-me um Presidente da República impertigado como o Quintino Bocaiuva e assim com ares de General de verdade em véspera de batalha! O Glicério continua no seu eterno fadário de eterna movimentação, ora no Rio, ora em S. Paulo, ora em Campinas, ora em mundos imaginários. O José Paulino mudou-se, mudaram-se, também, Vieira, Cesar, o Frederico Branco e mais alguns dos quais já nem tenho notícias. O Maximiano de Camargo, o bom e alegre Maximiano que possuía tanta força no pulso como bondade no coração, a esta hora também fez como o Quirino a viagem eterna e deverá estar contemplando através de alguma estrêla, as coisas ridículas de nosso eterno. Ah! como o sítio faz mal! Porque não se demora aqui? Porque não vem mais vezes à Campinas? E assim, Carlos Ferreira referindo-se ao Maximiano não se esqueceu de sua sempre lembrada bondade que ficara marcada em sua vida, havia alguns anos passados.

### MAXIMIANO DE CAMARGO

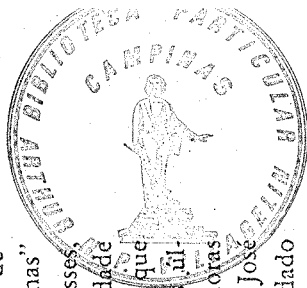
Dos nomes citados que integraram a Sociedade Protetora dos Pobres temos ao nosso alcance, graças a dados que colhemos na biblioteca e arquivo do "Centro de Ciências, Letras e Artes" os que se referem a Maximiano de Camargo. Sua morte ocorreu, segundo nos informaram pessoas de sua família, em virtude de lidar constantemente com desinfetantes fortes, enfiando as mãos nas barricas em que eram acondicionados. Não só servira êle junto à sociedade fundada por Alberto Sarmento, como, também, sócio que foi de Santos, Irmão & Nogueira e ficando intoxicado, conforme dissemos, por enfiar as mãos em tais recipientes prejudicando intensamente seu organismo, o que o levou à uma morte lenta e dolorosa. Passára êle de um simples caixeiro no início de sua vida à condição de ser um dos próceres da democracia naqueles dias em que tanto se lutava pela implantação da República, tendo a política em Maximiano o penhor de sua grandeza.

Não temos certeza mas, devia êle ser um môço modesto e de ascendência simples, embora tenha se tornado associado de uma firma tão importante como era aquela chefiada por Bento Quirino dos Santos. O certo é que, seu espírito prestativo não se circunscrevera dentro das lindes de Campinas aos simples atos de benemerência. Espírito prático, cuidou da cidade, embelezando o Largo da Matriz Velha (Praça Bento Quirino), depois de muita luta, deixando a praça verdadeiramente "chic", sendo o lugar refeito por êsse cavalheiro. No dia da inauguração dos melhoramentos no Largo, a banda musical Luiz de Camões fôra abrilhantar o ato satisfazendo, assim, ao gênio môço do autor daquele importante momento para a cidade. Carlos Ferreira evoca seu nome em interessante crônica em seu livro "Feituras e Feições" ao mesmo tempo em que fala de seus quinze anos de lutas na redação da "Gazeta de Campinas", perguntando: — "Onde se foram êles? Em que voragem se submergiram tôdas aquelas esperanças e todos aquêles projetos que por amor da Pátria encandeciam a alma dos combatentes da "Gazeta de Campinas"?



A verdade é que, morrendo muito moço vítima da infecção violenta que apanhara ao tempo da febre de vômito negro, apenas com 33 anos de idade, deixara Maximiano um vácuo sensível na vida da cidade, tendo sua morte provocado curioso caso entre "maçons" e "católicos-religiosos", em virtude dos fatos que passamos a narrar. — Seu falecimento ocorreu em 19 de novembro de 1896, quando, então, o jornal dos Sarmen-tos noticiou sua morte nos seguintes termos: "Campinas passou ontem pelo doloroso golpe de perder um de seus mais sinceros e devotados filhos, vendo desaparecer do número dos vivos o Capitão Maximiano de Camargo. Generalizando em nome desta terra o sentimento de profundo pesar pelo falecimento de Maximiano de Camargo, traduzimos com segurança a estima e simpatia dessa coletividade, onde êle sempre soube se cercar desde a mais tenra idade até à época presente, da estima e simpatia colhidas em sua vida. Isto acontecendo em tôdas as classes sociais de Campinas, em tôdas as nacionalidades, em todos os partidos Maximiano de Camargo, foi, por assim dizer, creado na casa Comercial de Bento Quirino dos Santos com aquela dedicação e carinho paternais que êste emérito cidadão soube sempre dispensar aos seus amigos e protegidos. Ali vivendo desde a infância e com aquêl sentimento de gratidão e afeto que completava a integridade de seu caráter, tornou-se o amigo sincero, dedicado e leal do protetor de sua exma. família, dêsse seus companheiros de trabalho e dos velhos amigos daquela casa, cujas tradições de respeito tem sido de formar os sucessores verdadeiramente dignos dos lugares que occupam. Maximiano, seguindo êstes em termos de firmeza, perseverança, trabalho, conquistou a estima e o respeito, o crédito e a posição que occupava de há anos para esta parte, como um dos chefes principais da firma sucessora de Bueno e Camargo. Dessa conduta corretíssima desde a sua iniciação no comércio nasceu-lhe a estima de que sempre gosou entre os colegas de sua classe, desde o mais modesto empregado até os mais importantes diretores e proprietários das casas comerciais de nossa cidade. Além destas relações de amizade, Maximiano de Camargo foi sempre estimadíssimo entre os lavradores, operários e artistas na quadra mais aguda do abolicionismo, ou, mesmo a sua iniciativa nesta cidade. Maximiano foi sempre estimadíssimo e sempre esteve firme ao lado de seus correligionários, como bom republicano que era; desde os tempos dos "meetings" de propaganda foi êle um dos mais ardentes convictos soldados, quer em disciplina, quer pelo amor à pátria e à República. O que foi Maximiano de Camargo como homem caritativo, aí estão, ainda, os

1889 e 1890, tendo contribuído tão eficazmente para a fundação da Sociedade Protetora dos Pobres e de sua manutenção, sociedade essa que veio minorar muito sofrimento naquelas épocas, levando êle o conforto não só aos enfermos como aos desfavorecidos da sorte e da fortuna que se viram à braços com a peste e com a falta de recursos. Não se via uma só alma para fim caridoso em que nela não figurasse o nome de Maximiano e de conformidade com os seus haveres e posses. Era o protótipo do esposo no lar doméstico daquele distinto casal, júbilo que só deixou de reinar quando a traiçoetra e rebelde moléstia prostrou ao leito de dor o chefe daquela casa, tão afável e tão comunicativo. A consternação geral que se vislumbrou em tôdas as fisionomias ao ser espalhada nesta cidade, a notícia infausta de seu passamento é mais um atestado da popularidade e da estima de que gosava o honrado cidadão, cuja perda tanto deplora a sociedade campineira. O finado occupou o cargo de Delegado de Polícia desta cidade, desempenhando-o com critério e independência que se deveriam esperar de seu caráter. Era presidente da Companhia Carris de Ferro Campineiro e membro do diretório do Partido Republicano de Campinas. Desde a manhã de ante ontem, hora em que a maior parte da população teve conhecimento da triste notícia era geral a manifestação de sentimento pela morte do Capitão Maximiano de Camargo. As casas comerciais cerraram suas portas e os transeuntes se referiam ao fato com demonstrações de pesar. Pouco depois do meio dia o "Correio de Campinas" fez distribuir um boletim, pedindo que o povo, sem distinção de classes, concorresse aos funerais de Maximiano, solicitando da officinas da cidade que os trabalhos fôsem suspensos às quatro horas da tarde, a fim de que os operários, dos quais o finado era tão amigo, pudessem prestar suas últimas homenagens ao benemérito democrata. Muito antes das cinco horas da tarde, já era enorme a affluência de povo nas imediações da rua José Paulino, n.º 14, onde expirou o distinto môço, que para ali fôra mudado esperando a sua aflita espôsa que o enfermo nessa casa encontrasse melhoras para o seu estado de saúde. Aquella hora enorme multidão se notava em frente à referida casa e suas proximidades, notando-se a presença de representantes de tôdas as classes da população de Campinas, os srs. Juiz de Direito, promotor público, autoridades policiais, comerciantes, industriais, operários e mais pessoas do povo. Daí o fêretro dirigiu-se para a Matriz de Santa Cruz (Carmo), segurando nas alças do caixão os srs. Bento Quirino, Leopoldo Amaral, Herculano Simões, Francisco Couto, José Paulino Nogueira, Antônio S. Gouveia. Viam-se, igualmente, ali comissões da Beneficência Portuguesa, Recreio dos Artistas,



Grémio Commercial, Clube Semanal de Cultura Artística, Clube XX de Setembro, Artística Beneficente, além de inúmeras outras entidades campaneiras, todas com seus estandartes e mais pessoal, representantes da Companhia Paulista de E. de Ferro, Mogiana, Mac-Hardi, de jornais da cidade e de S. Paulo, comissões de Batalhões da Guarda Nacional, sendo o féretro coberto por dezenas de corôas. O cortejo dirigiu-se à pé ao cemitério, conduzido à mão, tendo os carros de praça seguido vãos, sendo acompanhado por todo aquêle povo que concorrera ao saimento, visto que ninguém se utilizara dos veículos que acompanharam o entêrro, afirmando o escritor desta nota que jamais se recordara de se ter assistido em Campinas um cortejo funerário tão concorrido, há não ser o do pranteado Carlos Gomes. O côrpo foi sepultado em carneira da família Bento Quirino, no cemitério do S. Sacramento, tendo falado antes de baixar o caixão à cunha os srs. dr. Antônio Costa Carvalho e o dr. Antônio Lobo. O gerente da Companhia Carris de Ferro mandou que fossem retiradas as campainhas dos carros da empresa, em sinal de pesar pelo falecimento de seu presidente. Uma companhia eqüestre que dava espetáculos em Campinas naquele dia, suspendera a função da mesma. Digno de notar-se, também, que das sete horas da manhã em diante não seria possível alugar-se um carro de praça em Campinas uma vez que todos êles estavam comprometidos. Recordou, ligeiramente, o jornal de onde extrainos esta notícia, "que Maximiano de Camargo contava 33 anos de idade, era campineiro, fóra educado no Colégio do sr. João Pupo, na Fazenda Laranjal (Joaquim Egídio), tendo vindo dessa pequenina localidade para encetar sua carreira no comércio, como era muito comum aos moços daqueles dias.

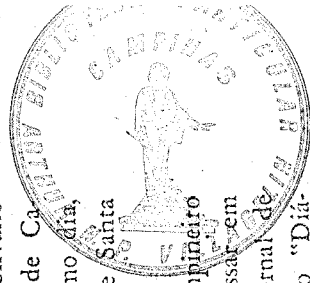
Em artigo publicado no "Diário de Campinas", logo no dia seguinte, o sr. Alvaro Miller que já então morava nesta cidade escrevia artigo afirmando "que fóram poucas, raríssimas as pessoas que nesta terra deixaram de acompanhar os restos mortais de seu bondoso amigo, notando-se em todos os rostos intensa dôr e profunda mágua pelo doloroso trespasse. Maximiano de Camargo desde os seus primeiros tempos de residência em Campinas fizera-se notar pelo seu talento de escol, pela generosidade de seu coração de quem ainda, todos se recordavam já com saudades. Era êle, Maximiano, afável, sereno e bondoso e suas respostas eram sempre repletas de singeleza, de lealdade, tão lhana e tão pura quando, principalmente o cumprimentavam, exclamando — "Bom dia, Miller". Ouvia êle a todos e a todos êle ouvia, religiosamente e religiosamente, também, conservavamos íntimos refolhos de sua alma aquilo que se lhe dizia. Quase não havia

abatimento moral qualquer não sentisse, também em Maximiano a tristeza em seu coração e a sublimidade de seu afeto. "Quizeram acompanhar aos seus funerais" — escrevia Miller — "todos os filhos desta terra, levando-se em pompa, pois, que tudo se traduzira numa consagração quase que nacional, como si fóra uma nação inteira que prestara a êle sua última homenagem, curvando-se em prantos ante o cadáver do mais ilustre de seus artistas. A tua glória," concluiu, "não é tão grande como a fóra de Carlos Gomes, é mais simples e modesta, pois que êle fóra em sua terra o mais estimado de seus filhos, o mais querido de seus cidadãos."

Dias depois (25 de novembro), pela seção livre dos jornais estampava-se esta nota: "Comunicamos aos nossos amigos bem como aos de nosso matgrado parente e amigo Maximiano de Camargo que a missa em sufrágio de sua alma não pode ter lugar visto que os srs. sacerdotes se recusaram a celebrá-la depois de a terem aceito, protestando ser o extinto pertencente à maçonaria." Assinavam êsse aviso Bento Quirino dos Santos e Joaquim Floriano Novaes de Camargo."

Aquilo, naturalmente, causara espécie. E bem verdade que Campinas tôda sempre fóra mais católica, sua população devotava-se mais à igreja, embora grande parte e na sua maioria os republicanos de prol, pertencessem ao crêdo maçom. Por isso mesmo e no mesmo jornal o sr. Silvano Ferreira Pacheco "convidava amigos e os do finado Maximiano de Camargo para que assistissem a missa em sufrágio de sua alma, de sétimo dia, que seria celebrado dia 25, às oito horas da manhã, na capela de Santa Cruz de... Valinhos!"

E assim, de fato, aconteceu! No entanto, a recusa do cléro campineiro em formalizar a cerimônia religiosa na cidade, não haveria de passar em branca nuvem. Dia 27 de dezembro de 1895 podia-se ler num jornal de S. Paulo "O Cléro em Campinas" — artigo do correspondente do "Diário de Campinas" para o "Estado de S. Paulo". Já lhes disse por telegrama que não se realizou em Campinas a missa anunciada por alma de Maximiano de Camargo, o boníssimo campineiro que há dias, depois de longa e dolorosa enfermidade foi para o eterno repouso do cemitério, acompanhado por Campinas em péso. Não o quizeram os senhores sacerdotes da religião de Cristo que sob o fútil pretexto de que Maximiano de Camargo era maçom e de que ao seu concorríssimo entêrro tinha compercido uma comissão da Loja Independência com o seu respectivo estandarte simbólico. Ontem a noite, no entanto, já se sabia nos pontos centrais da cidade que a missa seria rezada e hoje pela manhã "O Diário



de Campinas" e o "Correio de Campinas" publicavam uma declaração nesse sentido, assinada pelos srs. Bento Quirino e Joaquim Novaes. Ainda assim, porém, às oito horas, era enorme o número de senhoras e cavalheiros vestidos de preto que se viam pelas ruas da cidade, dirigindo-se para a Matriz de Santa Cruz, pois que muitas delas, apesar de morar na cidade nada tinham ouvido dizer nem haviam lido nos jornais da suspensão do ato religioso, sendo que muitas pessoas vieram especialmente do sítio para assistir ao ato na igreja e mal tinham tido tempo para trocar suas roupas de viagem. (Lembra-se aqui, ligeiramente que era costume antigo as principais famílias de Campinas morar em seus "sítios", diríamos hoje, "fazendas" e só vinham à cidade aos domingos e em dias de festas). Não se imagina a indignação que de todos se apoderou quando se propalou a notícia de que os padres tinham se recusado a rezar a missa! Era a primeira vez que isso sucedia nesta terra, onde têm morrido maçons aos milhares e exatamente com esse móço que não soube em sua vida senão conquistar amizades e dedicação, que morreu sem ter deixado um único desfeito que aconteça tal coisa! Naturalmente, a recusa dos sacerdotes tomou aspecto de provocação e de verdadeiro acinte e desafio, e o povo aceitou-o começando a discutir imediatamente a idéa de ir em comissão à procura dos vigários para lhes pedir em nome da pacífica e harmoniosa família campineira que fôsem acirrar ódios em outra localidade! E não se vá pensar que a idéa surgiu de grupos exaltados. Quem a aventou, quem a queria por em execução foi gente moderadíssima, comerciantes acreditados, fazendeiros conhecidos, dentre eles muitos infatigáveis protetores de associações religiosas desta cidade. Deve-se à intervenção do sr. Bento Quirino dos Santos não terem os senhores sacerdotes sido vítimas de um franco movimento de reação contra a sua injustificável atitude de intolerância. O sr. Bento Quirino, além de ser um cidadão estimadíssimo, cujos conselhos se ouviam com o máximo respeito e era o amigo mais íntimo do finado, quase pai de Maximiano pode-se dizer, com a sua palavra de prudência estava pronto a revestir-se de uma dupla autoridade e os senhores sacerdotes por isso mesmo puderam dormir em paz... Houve, porém, apesar de todos os esforços do senhor Bento Quirino um pequeno incidente com o reverendo Roberto Landell, vigário da matriz de Santa Cruz. Mais ou menos ao meio dia, estavam reunidos em uma casa de comércio da Praça da Matriz Velha muitos amigos de Maximiano de Camargo quando passou o vigário. Este percebeu que os amigos do finado móço de Joaquim Egídio discutiam o fato de não ter sido rezada a missa pelo que censuravam os padres pelo seu procedimento. Landell, por isso mesmo,

pretendeu chegar ao grupo e dar explicações quando teve princípio pelo queo tumulto, emboza o representante da igreja pretendesse justificar o ato dos padres da cidade, usando de máxima delicadeza e defendendo suas crenças e as de seu sacerdócio. No entanto, em meio da discussão que se formou, o reverendo vigário exaltou-se e disse qualquer coisa ou frase desagradável para os que estavam ali presentes. Ergueram-se, imediatamente, protestos calorosos e ele, então, teve que se retirar apressadamente, acompanhado pelo dr. Antônio Lobo. Justo é que se ressalte, no entanto, que este reverendo Roberto Landell tinha, realmente, motivos para ser amigo dedicado de Maximiano porque fôra este o grande coração que em certa manhã na matriz de Santa Cruz o livrara, em plena igreja, de certa arbitrariedade que havia cometido. Entretanto, fôra o primeiro que se recusára a celebrar a solicitada missa em memória de Maximiano! Digase-se que o padre Costa Bueno, vigário da Conceição, a princípio estava resolvido a celebrar a missa mas, também, pouco depois, recusou-se. Maximiano de Camargo era, de fato, maçom, mas não um maçom apaixonado e seu entêro não teve caráter de lei. No seu funeral havia gente de todas as condições sociais e representações, inclusive estrangeiras e compareceu, também, uma comissão maçônica, de uma única loja (Campinas possuía mais de uma), que por sinal parece que não era a que em vida o saudoso Maximiano se filiara.

Sabia-se, depois, por telegrama enviado de São Paulo pelo sr. Campos Sales que na Capital havia sido celebrada missa concorridíssima por alma de Maximiano, lamentando o futuro presidente da República (também maçom) que em sua terra natal esse ato religioso não fôsse celebrado, uma vez que na própria igreja de lá compareceram vários representantes da maçonaria, condenando o modo de proceder dos sacerdotes de Campinas.

Gil Braz, cronista daqueles dias, em sua coluna diária de "Jogos Malabares" também comentou o fato, estranhando-o, afirmando "que não conseguia entender a feição que os senhores padres quizeram dar à igreja católica, apostólica, romana e aos fiéis que orientam e dirigem." Parece — "afirma ele", que os senhores reverendos tocam as suas violas conforme a dança... Não seria bastante, — "pergunta", que os reverendos sacerdotes repiniquem um fadinho e tanjam tristemente o látego da intsigência, acolá? A mudança brusca do ritmo desengonça o corpo e lá se vai todo o requadrado na confusão burlêsa das marionetes o que destoa completamente das regras de Têrpsicore. E termina, afirmando e pedindo "organizem o serviço, garantam o "menu" e não me façam preço de chegar que eu lá estarei como bom freguês... desde que o câmbio



melhore!" Pobre Maximiano! pensamos nós, quando imaginaria ele que, depois de morto, embora sua bondade fosse um modelo de virtudes na cidade campineira, provocasse tamanha tormenta entre católicos e maçons, agitando a pátria pequena que tanto amara!

Trinta dias depois de sua morte, num sábado, isto é, a 22 de dezembro de 1896, a Loja Maçônica Independência realizou sessão solene, homenagem fúnebre ao distinto finado, que fôra uma das luzes daquela instituição. As oito horas da noite o templo estava repleto de famílias e convidados-irmãos, tendo sido o recinto daquele edifício cuidadosamente ornamentado, as paredes internas cobertas de luto. No centro do templo fôra armado um rico catafalco protegido por cirios e piras, todos os presentes trajando luto pesado, sendo o aspecto interior daquela casa imponente pela nota de respeitável tristeza. Presidiu à cerimônia o confrade Augusto Cesar do Nascimento, venerável eleito da Loja, ocupando, também, junto ao altar os lugares mais importantes, o General Francisco Glicério e Bento Quirino dos Santos, veneráveis de honra. À hora marcada começaram as cerimônias fúnebres com a execução de profissionais campineiros e amadores de uma composição musical do maestro Azarias Dias de Melo, especialmente feita para aquêl ato. O dr. Alberto Sarmento, orador oficial daquela instituição, produziu, então, notável peça oratória, verdadeiramente importante, que causou impressão, referindo-se largamente sobre a vida de Maximiano de Camargo, cuja perda para a sociedade campineira jamais seria olvidada. Começaram, em seguida, as rezas recitadas pelos "luzes", tendo, ainda, usado da palavra o dr. Eurásio Cunha.

Depois disso somente se falou em nome de Maximiano de Camargo, naqueles dias, quando se soube que o padre Francisco Elias Bartolo, residente na Capital paulista, viria à Campinas a fim de celebrar missa por sufrágio da alma de Maximiano, o que iria, sem dúvida agradar aos católicos da cidade", que não eram intransigentes e que não se deixaram levar no enxuro das paixões mesquinhas e perversas que o jesuitismo pretendia avassalar" — no dizer de um crítico da época. Aliás, destaca-se que da cidade de Jaboticabal o sr. Antônio Rocha, ali residente, enviara um artigo escrito em linguagem violenta e publicado pelo "Diário de Campinas", talvez o mais pesado de todos quantos se haviam escrito e lido até hoje, nas crônicas de Campinas, contra os filhos de Jesus. Em 30 de maio de 1923, por edital dessa data, a Câmara Municipal de Campinas prestava homenagem à memória de Maximiano de Camargo, dando-lhe o nome a uma das ruas da cidade, como preito ao grande benemérito

campineiro cuja bondade inspirara a fundação, em 1897, da Sociedade Beneficente Maximiano de Camargo", desaparecida em fins do século passado.

Esta instituição "Sociedade Maximiano de Camargo" após dezoito meses de sua fundação contava matriculados em junho daquele ano com 449 sócios ativos, sendo 3 beneméritos e 1 de honra, deixando de ser sócios 21 congregados, sendo 17 por mudança de residência da cidade e 4 por falta de pagamento de mensalidades. Possuia 14:514\$000 depositados no Banco do Brasil e todos os consócios haviam sido atendidos em seus pedidos de auxílios, sendo de se notar que alguns médicos que nela serviam o faziam gratuitamente, tornando-se, portanto, uma sociedade útil e com regular movimento para a população daqueles dias. Era, portanto, uma instituição que merecia a proteção de todos quantos trabalhavam para o engrandecimento de Campinas. Funcionou em nossa terra com os mesmos fins da Sociedade Artística Beneficente ao que parece, desaparecida na voragem da febre amarela.

(O presente é uma cópia xerográfica das páginas 48 a 57 do 22º Volume da "História da Cidade de Campinas" de autoria do historiador campineiro João Batista de Sá (Jolumá Brito), da Editora Saraiva, S. Paulo, 1966)

